



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 29 | Jun./Dez. de 2023

Jose Jhonys Ferreira

Universidade Federal do Piauí / UFPI.

jhonys35251476@gmail.com

A COLÔNIA DO CARPINA: a dinâmica espacial e o corpo leproso na narrativa de um interno da década de 1970.

RESUMO

Neste trabalho, a partir da narrativa do paciente Mariano Mendes dos Santos Filho, analisamos a dinâmica espacial da colônia do carpina e a percepção do corpo nesse espaço em 1975. Assim, construímos uma análise respaldada, sobretudo, em fontes orais, refletindo sobre um período de transição no qual a política do isolamento tornava-se gradualmente questionável em razão da sua ineficácia e da descoberta das sulfonas.

Palavras-chave: Piauí; Lepra; Corpo.

ABSTRACT

In this work, based on the narrative of the patient Mariano Mendes dos Santos Filho, we analyze the spatial dynamics of the carpine colony and the perception of the body in that space in 1975. Thus, we construct an analysis based, above all, on oral sources, reflecting on a period in which that the isolation policy was gradually questioned due to its ineffectiveness and the discovery of sulfones.

Keywords: Piauí; Leprosy; Body.

Introdução

Na primeira metade dos anos de 1970, o tratamento da lepra¹ já era realizado a partir do emprego das sulfonas². A descoberta da eficácia do medicamento derivado desse composto químico na década de 1940 representou um grande avanço no combate aquela doença; embora, não proporcionasse uma cura imediata, consistia em um meio de tratamento que a longo prazo apresentava resultados satisfatórios, de modo que muitos sujeitos em um estado clínico complicado conseguiam obter melhoras significativas no decorrer do tempo.

Diante desse cenário, segundo Oliveira (2012) o surgimento das sulfonas, as despesas acarretadas para a manutenção de uma colônia, como a própria ineficácia desta política profilática, permitiram que os médicos começassem a questionar a necessidade do internamento compulsório e das instituições de isolamento. Apesar das mudanças trazidas pela inserção desses novos procedimentos frente ao combate à lepra, as colônias continuaram funcionando normalmente e prestando o apoio em relação aos casos mais avançados da patologia.

Sendo assim, voltando-se para esse contexto da década de 1970, momento em que as altas aos doentes de lepra era cada vez mais comuns, e partindo da narrativa do interno Mariano Mendes dos Santos Filho, analisamos a dinâmica espacial da colônia do carpina e a percepção do corpo nesse espaço em 1975. Como espaço entendemos um lugar praticado, caracterizado pelos movimentos que acontecem em seu interior conforme Certeau (1998).

Além disso, dedicamos um momento para examinar algumas noções – identificadas na narrativa de Santos Filho – pelas quais os corpos foram entendidos nos espaços da colônia, em particular, o “corpo leproso”.

Assim sendo, construímos uma narrativa histórica baseada em fontes diretas e indiretas³, intercalando interpretações empíricas – extraídas, especialmente, do depoimento do fio condutor deste estudo – e reflexões teóricas, produzidas em torno dos espaços, do corpo leproso e das relações de poder. Nesse sentido, as análises

¹ Embora atualmente denomine-se hanseníase, optamos pelo termo “lepra” porque era o nome mais popular para a doença na época dos acontecimentos.

² Composto químico base para a produção do antibiótico utilizado no tratamento da lepra.

³ Depoimentos de antigos pacientes, principalmente, de Mariano Mendes dos Santos Filho, lei estadual e bibliografia especializada.

de Certeau (1998), Silva et al (2018), Porter (1992) e Foucault (1996) foram essenciais para refletirmos sobre tais questões.

Por fim, concluímos que os espaços analisados da colônia eram bastante “animados”⁴ pelos sujeitos os vivenciavam; além disso, o espaço e o corpo leproso são elaborações fundamentalmente sociais e culturais historicamente construídas. Os processos de construção dos espaços e do corpo leproso são atravessados pelas relações de poder existentes e dependem em grande medida da sociedade, espaço, tempo e da cultura em questão. Assim, os significados atribuídos ao corpo e o espaço, essencialmente formadores de identidades, estão diretamente vinculados às relações estabelecidas entre o sujeito histórico e suas experiências espaciais e corporais.

O encontro com o médico, com a doença e uma internação surpresa.

Por volta do ano de 1975, em mais um dia rotineiro da colônia do carpina, chegou um homem com um garoto de apenas catorze anos. O rosto desse senhor não era incomum naquele ambiente, há pouco tempo havia estado internado ali, porém, devido aos avanços no seu tratamento com as sulfonas, agora gozava da possibilidade de continuá-lo fora daqueles pavilhões coloniais.

Sendo assim, enquanto eles se encaminhavam para o consultório médico, é provável que algum amigo (a) de outrora tenha vindo indagá-lo a respeito dos motivos daquela sua inesperada visita, e o pai meio desconfiado em decorrência dos seus planos, disse em rápidas palavras que tinha indo visitar a filha e aproveitou para levar o irmão dela que estava passando uns dias em sua casa e ajudando-o “a cuidar de uma roça”. Assim, como nada era tão distante no interior da colônia, logo chegaram ao destino pretendido, onde encontraram o Dr. Mariano Lucas de Sousa⁵ e o Sr. Alberto.

Mariano Lucas de Sousa, era um médico de 62 anos de idade, natural de Buriti dos Lopes-PI e ocupava o cargo de diretor da colônia há cerca de 23 anos. Nascido em 1913, concluiu os estudos primários na própria terra, posteriormente, traçou um percurso acadêmico que o levaria a viver em São Luís e Salvador. Em terras maranhenses, cursaria o ginásio e o preparatório e, finalmente, na segunda metade

⁴ O emprego desse aqui tem o sentido de movimento e não de um sentimento individual dos sujeitos históricos participantes.

⁵ Os internos o chamavam de “papai” ou “Dr. Mariano”. Ao longo do texto vamos utilizar a segunda expressão.

da década de 1930, estudaria medicina na capital baiana, onde formaria pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1940.

Destarte, Mariano quando concluiu o curso de medicina e retornou para a terra natal, passou a exercer o seu ofício em cidades como Piracuruca e Luzilândia. Conforme Nascimento (2018) em 1947, com apenas 34 anos de idade, chegou à Parnaíba com sua família, onde foi recebido pelos grandes nomes da medicina parnaibana e piauiense, como por exemplo, os médicos Mirocles Veras Campos, Cândido Athayde, entre outros.

Desse modo, radicado em Parnaíba, após algum tempo começou a se envolver em trabalhos médicos na colônia. Segundo Alvarenga (2011, p.252) ele prestava “serviços como clínico, dermatologista e obstetra, contrariando a vontade de seus familiares.” Sendo assim, se levamos em consideração que em 1952 viria se tornar o diretor da colônia, assumindo uma posição antes ocupada pelo Dr. Martinelli, percebe-se que ele precisou superar possíveis preconceitos existentes entre a própria família para exercer seu ofício na colônia por quase três décadas.

Assim, naquele dia de 1975, quando avistou aquele homem – um ex-interno da colônia, que morava fora, mas, muito provavelmente, recebia acompanhamento do Dr. Mariano – entrando em seu consultório acompanhado do filho, possivelmente o reconheceu, exceto o garoto, já que se tratava da primeira vez que estava ali. Em tantos anos de experiência, andando pelos pavilhões da colônia – auxiliado por seus dois “seguranças” –, examinando os corpos das pessoas doentes, conversando com os internos, escutando e anotando suas reivindicações de utensílios gerais, como sapatos, roupas, sandálias, lençóis, cobertores, entre outros, decerto nunca havia notado a presença daquele “rapazinho” entre os demais pacientes.

Nesse sentido, não deveria ser tarefa das mais simples o médico reconhecer nem mesmo alguns dos pacientes que viviam nessa instituição há algum tempo, pois a colônia era animada diariamente pelo fluxo de pessoas; uma movimentação social cotidiana que oferecia uma dinâmica própria na espacialização dos lugares, isto é, nos processos de transformações dos lugares em espaços através da vivência e da prática elucidada por Certeau (1998).

Ademais, um problema bastante mencionado na bibliografia consultada e nos documentos era o da superlotação; com isso e uma rotatividade tão grande de indivíduos, não era incomum que o médico esquecesse da identidade social de um ou outro paciente; contudo, aquele homem que estava diante do Dr. Mariano, meses

antes ao receber alta da colônia “(...) comprou uma casa e se juntou com outra mulher” (SANTOS FILHOS, 2018, p.113), em vez de retornar para Teresina onde havia deixado a esposa e os filhos; talvez essa súbita mudança de vida do paciente ajudasse o médico a lembrar dele.

Desse modo, a pedido do pai o Dr. Mariano examinou o rapaz, auxiliado pelo Sr. Alberto, que era um auxiliar de enfermagem da instituição. Os dois examinavam atentamente todas as partes do corpo dele, a fim de encontrar algum sintoma suspeito, mas não conseguiam identificar nada. Após a realização desse processo na íntegra, o Dr. Mariano teve uma conversa em particular com o pai do garoto, e em seguida, eles foram para a casa do prefeito da colônia⁶, pois era lá que morava a filha desse senhor, ainda criança.

Quando eles chegaram à casa do prefeito, ele não estava lá; assim, o garoto Mariano Mendes dos Santos Filho e o seu pai ficaram por ali esperando; Mariano se sentou na calçada da residência do prefeito e ficou imaginando, viajando nos próprios pensamentos, dentro dos domínios espaciais da colônia. Ele deve ter imaginado muitas coisas relacionadas aos inúmeros sujeitos anônimos que tiveram suas histórias construídas ali; tantas pessoas indesejadas em razão dos preconceitos e excluídas de qualquer protagonismo nas páginas oficiais da história.

As suas reflexões foram interrompidas por um sujeito desconhecido que estava se aproximando; mesmo sem dizer nenhuma palavra, ele já chegou despertando à atenção de Mariano, em decorrência dos adereços que “enfeitava” seu corpo, sobretudo, os esparadrapos que encobriam suas mãos e a muleta sobre a qual apoiava seu braço. Após algumas conversas, enquanto seu pai inventava algumas desculpas para ir embora, talvez pensando na comoção do filho que estava prestes a vir, o prefeito, que já sabia da história, tratava de revelar que ele Mariano estava doente de lepra e passaria algum tempo fazendo tratamento na colônia. O menino entrou em “estado de choque” e começou chorar imaginando em fugir daquele ambiente que para ele ainda era um lugar estranho, tendo em vista que não o tinha vivenciado.

Com isso, muito provavelmente ele começou a compreender que a razão da viagem inventada por sua mãe não tinha nada ou quase nada a ver com uma visita

⁶ A colônia do carpina, como as outras construídas pelo Brasil, tinha uma estrutura semelhante à de uma pequena cidade. O seu interior era formado por prefeitura, delegacia, escola, caixa beneficente etc. No caso da instituição situada em Parnaíba, conforme Santos Filho (2018, p.114) “(...) quem tinha uma família, tinha uma casa pra morar”, mas essa sua irmã era muito pequena, por isso, vivia com o prefeito e sua família.

de família. Na realidade, diante de algumas suspeitas, quando levou o filho ao médico para se consultar, acabou descobrindo que ele estava com lepra, no entanto, não lhe contou sobre o diagnóstico, com medo dele não se conformar e não aceitar viajar à Parnaíba para se tratar. Assim sendo, ela inventou que a finalidade da viagem era fazer uma visita ao seu pai e a irmã; esta última já se encontrava internada na colônia. Quando chegou a Parnaíba, a mãe contou à situação ao pai, que tratou de criar algum argumento convincente para que o filho ficasse na sua casa; ele disse que Mariano precisaria ficar, pois eles “tinham uma roça para cuidar”, como já dito.

Apesar de ter sido diagnosticado com a lepra pelo médico de Teresina, chegando a Parnaíba, dias depois seu pai o levou até o Dr. Mariano para se submeter a novos exames. A princípio o experiente médico da colônia não conseguiu identificar a enfermidade, contudo, quando o rapaz girou o corpo, atendendo ao seu pedido, o Sr. Alberto notou que havia duas manchas em uma determinada parte das nádegas; em seguida, o médico pediu que o Sr. Alberto pressionasse aquela região com uma agulha, e ele assim fez, no entanto, Mariano não sentiu nada. De acordo com o conhecimento médico do período, a falta de sensibilidade em regiões do corpo era um dos indícios da presença da lepra; assim, levando em consideração o diagnóstico já feito em Teresina e os exames realizados na colônia em Parnaíba, o Dr. Mariano concluiu que o rapaz realmente era portador da doença e que deveria ficar internado ali, fato que teria comunicado em seguida ao pai através de uma conversa particular.

Nesse contexto, em decorrência da perspectiva de tratamento e cura com as sulfonas, alguns estudos indicam que em nível nacional o isolamento não era mais tão rígido quanto nas primeiras décadas do século XX, pelo contrário, havia uma política de isolamento mais seletivo, voltado, principalmente, para os casos mais avançados da doença. Segundo Oliveira (2012), o medicamento apresentava à possibilidade de cura a longo prazo, inibia o contágio entre os sujeitos doentes (que estivessem submetidos ao tratamento) e sadios e, com isso, proporcionava a realização do tratamento fora da colônia.

Diante disso, foi possível assistir um movimento crescente nos números de altas dos leprosários brasileiros; o pai de Mariano foi um exemplo desse cenário, pois quando o filho foi trazido pela mãe em razão da doença, ele já era um egresso que residia ali próximo aos domínios da colônia. No seu caso, descobriu ser portador da doença um ano antes quando ainda morava em Teresina e trabalhava numa firma de curtição de couro na cidade; após isso, ele foi para a colônia do carpina, onde passou

um tempo e depois recebeu alta, possivelmente continuou o tratamento residindo fora. Na narrativa de Mariano existem algumas lacunas para quais não tivemos respostas, como por exemplo, onde e como o seu pai teria conseguido dinheiro para comprar uma casa? Teria o pai de Mariano recebido alguma herança? A nova companheira era detentora de posses?

Mariano e sua percepção do corpo leproso

Na calçada da casa do prefeito, Mariano continuava chorando e indignado com o seu destino. O prefeito, por sua vez, tentava acalmá-lo. Apesar disso, ele olhava para aquele sujeito até pouco tempo desconhecido, cheio de adornos encobrendo às modificações do seu corpo causadas pela doença que o acometia, e se perguntava: “(...) que prefeito era aquele todo cheio de curativos?” (SANTOS FILHO, 2018, p.114) Esse questionamento sugere que, no mundo idealizado pelo rapaz, o tipo de corpo que estava a sua frente era inimaginável, sobretudo, se tratando da figura de um prefeito, amplamente associada ao poder político e o prestígio social.

Conforme Silva et al (2013) alguns grupos, considerados os “outros” “(...) são definidos por seus corpos, e as normas sociais os designam, de forma degradante, como desviantes, impuros, feios, repugnantes, doentes e fora de ordem” (Silva; et al. 2013, p.89-90). Os indivíduos doentes de lepra em muitas situações como a evidenciada cima – relacionado ao prefeito da colônia – eram julgados, definidos e malvistas em função dos seus corpos. A presença dos corpos leproso em lugares públicos, em dado momento passou a ser entendida como “fora da ordem”, em decorrência da classificação e rotulação de valores pela cultura dominante conforme Silva Et al. (2013).

Na primeira metade do século XX, principalmente nas três primeiras décadas, no contexto em que a busca pelo “progresso” se fazia vigente, as construções de colônias de isolamento integraram um projeto de modernidade que visava retirar os leproso dos meio urbanos, uma vez que, a presença desse tipo de sujeito, com um corpo repleto de marcas ocasionadas pelo avanço da doença, simbolizava o “atraso” e a “incivilidade” de uma sociedade. O leproso com seu corpo era considerado

⁷ De acordo com Silva et al (2013) pertencem a esse grupo: as minorias étnicas, mulheres, obesos, negros, idosos, homossexuais e deficientes; com esses, incluímos os leproso, pois a definição dos grupos dos “outros” permite esse enquadramento conforme perceberemos acima no corpo do texto.

socialmente como desviante, impuro, feio, repugnante (Silva, et al. 2013) e responsável por tornar uma urbe feia.

Com isso, é possível perceber que o corpo não é tão somente um conjunto de órgãos materiais pertencentes ao plano biológico. Muito além disso, é uma construção social e cultural, de modo que os papéis que lhes são atribuídos têm suas próprias historicidades e razões históricas de ser como é. Nesse sentido, conforme Porter (1992) as relações estabelecidas entre a mente e o corpo, por exemplo, dependem historicamente das relações sociais e da cultura em questão; isso quer dizer que as funcionalidades assumidas por esses dois agentes, encaradas muitas das vezes como um dado de ordem natural se dão, sobretudo, no plano sociocultural. “A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, (...) difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura (...)”. (PORTER, 1992, p.308)

A reflexão de Kleinman (1986) apud Porter (1992, p.308), sinaliza que “(...) o ‘corpo’ não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais”. No caso específico do “corpo leproso”, pode-se notar que em nossa cultura sua construção foi influenciada, principalmente, pela tradição judaico-cristã; a narrativa em torno da lepra assumiu à ideia que essa doença resultava dos “pecados” cometidos pelo indivíduo, logo, o corpo enfermo com os seus principais sintomas à amostra produzidos pela doença, era amplamente associado à “impureza”. Esse preceito serviria de base para a construção e disseminação de inúmeros preconceitos relacionados à enfermidade e os seus portadores (as).

Desse modo, enquanto o corpo foi construído historicamente em nossa cultura como inferior à mente (PORTER, 1992), ao corpo leproso coube uma dupla subordinação; a primeira relacionada ao espírito, e a segunda, à própria natureza, tendo em vista que a lepra o vitimizava de tal forma que ele era incapaz de combatê-la, sobretudo, em razão da ignorância correlata ao seu agente causador.

Assim, ao mesmo tempo que Mariano observava a figura do prefeito, sua imaginação era tomada pelo contraste entre um corpo leproso enfaixado e um corpo supostamente “ideal”, imaginado a partir de uma “concepção de mundo” construída culturalmente; essa padronização que preenchia sua psique lhe causava dificuldades no processo de aceitação daquele tipo de corpo que se apresentava em sua frente. Assim, inferimos que as indagações de Mariano provinham de um senso comum em

torno do que seria um corpo padrão e um corpo “anormal” como o que lhe se apresentava.

Não obstante o choro e as lamentações, não lhe foi concedida uma alternativa diferente da colônia naquele momento. Essa foi sua primeira internação, onde passaria algo em torno de um ano e quarenta cinco dias. Posteriormente, quando foi internado pela segunda vez, passando menos de um ano, a colônia estava em um período de transição, no qual o médico Edilson Pinheiro do Egito (1978-1984)⁸ estava sendo substituído pelo colega de ofício, o Sr. Rivaldo de Araújo Luz (1984-2001) no cargo de diretor da instituição. Com isso, levou quase 10 anos para que ele tivesse uma piora no seu estado de saúde em decorrência da doença, mas quando isso aconteceu, optou por fazer o tratamento ambulatorial na clínica do Dr. Rivaldo. A sua terceira internação na colônia foi no dia 13 de abril de 2015. Apesar de o personagem ter passado por no mínimo três internações, em contextos históricos distintos, como já deve ter ficado claro, o enfoque desta análise se volta para a primeira internação, vivenciada no ano de 1975.

A dinâmica espacial e as relações de poder na colônia do carpina

No momento que Mariano Mendes chegou, a colônia estava organizada fisicamente por meio de alguns pavilhões; cada um desses espaços recebia um nome de identificação especial conforme às relações que os sujeitos estabeleciam com eles. Nesse sentido, existia o pavilhão dos eventos, também chamado pavilhão social; o pavilhão dos “aprostados” (“das pessoas de cama”), onde costumavam acomodar pacientes em estado grave em decorrência da doença; o pavilhão dos homens e o pavilhão das mulheres, este último era conhecido como pavilhão o “Butiá”. Ainda dentro desses domínios havia uma escola, uma caixa beneficente, uma delegacia (com duas celas, uma destinada aos homens e outras mulheres que descumprissem às regras) e uma prefeitura com um depósito ao seu lado para armazenar os materiais de limpeza da colônia.

O Pavilhão dos eventos era um dos espaços mais frequentados pelos pacientes na colônia, incluindo o próprio Mariano; era nele que ocorriam às festas, sobretudo em datas comemorativas no decorrer do ano quando “os funcionários da leprosaria promoviam festas dançantes, torneios de futebol, missa, levantamento de

⁸ Esse recorte se refere ao período que o médico administrou o hospital-colônia.

mastro com as bandeiras brasileira, piauiense e parnaibana e outras atividades.”(FERREIRA, 2021, p.134) Entre aquelas datas estavam à proclamação da república, da independência do Brasil, o aniversário do Piauí, de Parnaíba, da colônia entre outras.

Apesar dos jogos, brincadeiras e gincanas – realizadas ao longo dia – atraírem uma grande parte dos internos, não era algo tão frequente em dias comuns, devido as condições financeiras da instituição; por isso, muitos dos sujeitos buscavam aproveitar esses momentos festivos em sua integralidade, até mesmo para interagir com as pessoas consideradas sadias que eram autorizadas a participar desses eventos promovidos pela direção da colônia.

Dessa forma, quando chegava à noite, as atividades realizadas durante o dia eram complementadas com uma festa dançante; bandas e artistas conhecidos nacionalmente apresentavam-se nos palcos da colônia; da mesma maneira que acontecia durante o dia, os sujeitos tidos como “sãos” eram convidados e autorizados a se integrarem; apesar de no começo da festança haver uma separação “rígida” – internos ocupavam a parte de cima e sadios a de baixo –, entre o meio e o fim estavam quase todos misturados, unidos e abraçados (em alguns casos) conversando sobre os problemas da vida.

Assim, no mesmo espaço e tempo em que alguns choravam, embriagados recordando suas histórias vividas fora da colônia, outros se apressavam para comprar mais bebidas no bar estrela, que havia no interior do salão de festas. Não menos apressados estavam os casais enamorados na busca de um espaço para compartilharem carinhos e afetos. “Aconteceram muitos namoros e casamentos como resultado dessas festas” (CARVALHO, 2018, p.182). Desse modo, as relações afetivas existiam e eram bastante comuns nos eventos da colônia entre pessoas internas, e internas com sadias.

Uma dessas festas estava para ocorrer nos dias que se seguiriam após a chegada do Mariano. Ele ficou praticamente sem escolhas em relação a sua situação; imaginou em fugir, mas refletiu sobre o desafio que seria sobreviver naquelas matas que cercavam os arredores da colônia, que na época era localizada numa área relativamente longe da zona urbana. Assim, sem ver outra saída, concluiu que o melhor a se fazer naquele momento era se conformar e seguir o tratamento da forma mais comprometida possível para poder ser liberado o quanto antes.

Com isso, Mariano vivia triste e não socializava quase nada com os outros internos. O Sr. Tirço, enfermeiro da colônia no período, lhe repassou os remédios – provavelmente, sulfonas – e orientou como deveria tomá-los: “uma unidade por dia”. No entanto, justamente no dia da festa que teria, ele acabou tomando dois ou três comprimidos acreditando que ingerindo uma quantidade maior poderia se livrar da doença mais rápido, porém, terminou passando mal, de modo que se o enfermeiro não o tivesse socorrido com outro medicamento teria perdido de acompanhar um pouco da festa.

Essas festas eram aproveitadas, especialmente, pelas mulheres do pavilhão “Butiá”. Não conseguimos entender por que esse pavilhão era assim apelidado. Segundo Thiel (2019) o Butiá é “uma planta comum no sul do Brasil, o butiazeiro faz parte da paisagem e da cultura do Rio Grande do Sul.” Além disso, o seu “fruto é utilizado comumente como acompanhamento de cachaça (...)”. (THIEL, 2019) É possível que as primeiras associações do pavilhão com o termo “butiá” tenham alguma relação com essa planta, mas conforme o tempo foi passando o mesmo adquiriu um sentido atrelado às identidades das mulheres que moravam lá.

O Butiá era o pavilhão das mulheres ou melhor, de um determinado grupo, mas quem protagonizava a sua “fama” e identificação eram algumas mulheres que viviam nas condições de solteironas, viúvas, divorciadas, separadas e outras que não fossem mais virgens.

Bem, para esse pavilhão iam casais que se formavam com a convivência no próprio HCC, além de viúvas, idosos e em especial todas as ditas “da vida”, as que perdiam a virgindade, as da vida desregrada, ou simplesmente se descobrissem que a mulher estava “na rua” até tarde, fugindo das regras do hospital, pois todos recolhiam-se às 22h no máximo. As virgens, casadas, ou que tivessem um “comportamento exemplar”, quando chegavam ao HCC, iam morar com as “famílias de respeito”, ou idosos que precisassem de ajuda. Mas as não merecedoras dessas considerações, certamente iam direto para o Butiá. (...). Nesse pavilhão, os apartamentos acomodavam em média de duas a três pessoas, em especial do sexo feminino. (NASCIMENTO, 2018, p.239)

Em linhas gerais, nesse pavilhão moravam, sobretudo, mulheres que vivenciavam suas experiências amorosas em desconformidade com os padrões morais e conservadores ditados pela direção da colônia. Elas não estavam tão preocupadas com as convenções sociais, mas em viver da forma que julgavam melhor, embora acumulassem sofrimentos em razão dos preconceitos por conta da

doença e pelas questões relacionados ao campo moral. Por outro lado, as mulheres que não se enquadravam nessa condição iam residir com alguma “família de respeito” da colônia.

Apesar disso, essas mulheres não podiam receber visitas de homens à noite, apenas durante o dia. Se algum homem fosse pego lá depois das 18:00 poderia ir preso pela indisciplina. Contudo, havia uma exceção, em “dia de festa na colônia (...), as mulheres do butiá tinham autorização para dormir com seus companheiros que, após amanhecer, retornavam aos seus pavilhões.” (NASCIMENTO, 2018, p.240) Por isso, insistimos que observar cenas de casais apaixonados e apressados se dirigindo para dormir no butiá, depois da meia noite, não deveria ser algo muito incomum nessas ocasiões.

Interessante seria continuar escrevendo essa história, “viajando” pelo Butiá, “assistindo” a Sr.(a) Mendonça⁹ liderando aquele vasto grupo de mulheres, dando conselhos às amigas sobre relacionamentos, formando casal com o Sr. Pindorama ou até mesmo reunindo a atenção inteira da colônia, em mais uma de suas brigas com um dos três amantes que tivera, com o qual vivia “entre tapas e beijos”, mas deixaremos essas narrativas para outra ocasião, voltemos a outros temas da colônia.

Local de residência para uns, de trabalho para outros, a vida na colônia era formalmente fechada e administrada.¹⁰ Os indivíduos eram submetidos a uma condição de controle semelhante ao que havia no regime da instituição total¹¹, de modo que a partir das vinte e duas horas, “quando batia dez pancadas era o silêncio. Aí o policial, que antigamente era um doente, andava de rede em rede, aquele que não tivesse nela desatava-se e levava pra cadeia, ficava esperando o dono voltar”. (SANTOS FILHO, 2018, 115).

A colônia era estruturalmente disciplinada, onde no seu interior era possível perceber um conjunto de relações de poder estabelecidas entre os sujeitos; o poder de administração, controle e ordenação não estava concentrado apenas na figura do Dr. Mariano nem de qualquer outro grupo específico, mas era exercido simultaneamente por diferentes instituições internas e indivíduos. Nesse sentido,

⁹ Trata-se de Joana Lopes Gonçalves, uma interna muito famosa entre os demais no período e morava no Butiá.

¹⁰ Referência da proximidade entre o regime de organização da colônia e o da instituição total caracterizada por Goffman (2001).

¹¹ De acordo com Goffman (2001, p.11) “uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.”

apontamos somente dois exemplos, o da prefeitura que na figura do executivo buscava conhecer às demandas dos pacientes e levar ao conhecimento do médico diretor para resolvê-las, exercendo um fragmento de poder que contribuía para manter à ordem e a organização da colônia a partir do diálogo, e a delegacia, que servia para “disciplinar” e penalizar os mais exaltados por meio da prisão coercitiva quando havia necessidade.

Com isso, percebe-se que o poder dentro da colônia pode ser explicado pela perspectiva de Foucault (1987) que o concebe como algo distribuído, compartilhado e redirecionado por vários agentes históricos que se relacionam ativamente, e não apenas como uma propriedade de um único sujeito ou instituição. Assim, como se trata de uma distribuição de poder de modo desproporcional, variado, onde cada sujeito e instituição exercem uma determinada parcela, o autor vai denominar esse processo de microfísica do poder. (FOUCAULT, 1987)

Nesse sentido, certa madrugada por volta de duas horas, uma confusão tomou conta de um dos pavilhões, acordando a maioria dos internos; tratava-se de uma briga acirrada entre Mariano e um sujeito – até então estranho para ele– que havia terminado de urinar embaixo da sua rede e lhe dar um chute em decorrência das reclamações feitas pelo primeiro. Quando amanheceu, o indivíduo acabou indo preso e Mariano absorvido. Nessa e em algumas outras situações o próprio Mariano teve a oportunidade de experimentar a ação das instituições no exercício dos poderes que cabiam a cada uma delas.

No pavilhão dos eventos, também havia cinema, TV, sinuca, baralho e outros meios recreativos para os pacientes se distraírem. Nesse local, Mariano esteve envolvido em outra confusão; em determinado dia jogando baralho com outros sujeitos – apostando fósforo – entrou em um desentendimento com outro rapaz alegando que havia “batido” primeiro numa situação em que os dois haviam vencido quase simultaneamente. Na ocasião Mariano entrou num confronto físico com seu oponente do jogo e outros sujeitos que, por alguma razão não explicada pela versão dele, teriam se envolvido na briga, lhe agredindo com um taco de sinuca; no entanto, Mariano alega que agrediu todos eles com uns tamancos que encontrou no local – teve um que precisou fazer curativos para estancar o sangue em razão da tamancada que levou na testa.

“E aí o que aconteceu? Estamos lá inventando um jogo, só que a gente jogava apostado, era uma caixa de fósforo, essas coisas. Aí eu já tinha perdido um masso de fósforo e só tinha uma caixa, bati e ele bateu em sequência. Todo mundo deu direito a mim porque bati primeiro. Mas ele se zangou, não gostou né, e me deu uns empurrões, foi aquela confusão. O outro menino que estava jogando sinuca, desceu o taco na minha cabeça. E naquela época, estava no auge aqueles tamancos que tinham quase um palmo de altura, com aquelas calças bocas de sino, e estava chovendo, e aí rapaz, *dei nuns caras de tamancos. Soquei na testa de um que ele caiu, foi um sangue danado, e lá vem os soldados, isso foi um reboliço.*” (SANTOS FILHO, 2018, p.116) (Grifos nossos)

Conforme se pode perceber acima, na versão do personagem existe uma espécie de exaltação dos próprios feitos “heroicos”, como por exemplo, enfrentar mais de um homem num confronto físico e se sair “vencedor” sem nenhuma sequela, enquanto um dos seus adversários teria ido se submeter a curativos na enfermaria; sua narrativa contém algumas lacunas e contradições, de modo que, na mesma situação em que “bateu primeiro no jogo e todos lhe deram razão”, no momento seguinte quando começou a briga recebeu uma tacada de um terceiro rapaz que estava jogando sinuca. Se “todos” deram razão a ele, por qual motivo esse último que, em tese, não tinha nada a ver com a confusão, lhe agrediu? O que esses utensílios (tamancos) usados no período, predominantemente, por mulheres estavam fazendo no pavilhão dos eventos? Como esses chegaram a esse ambiente? Havia acontecido alguma festa nesses dias e alguém porventura teria esquecido ali? O que Mariano disse ao seu adversário de jogo que o levou a lhe empurrar? Essas são algumas questões que não ficam esclarecidas na narrativa.

Conforme o próprio Mariano o povo da colônia achava que ele era acobertado pelo prefeito e o delegado, uma vez que, no final dos eventos relatados em vez de ser preso ele era absolvido e ainda saía com a razão, como vítima de injustiça praticada por terceiros. Embora sua versão assegure uma suposta conduta em conformidade com a “moral e os bons costumes” praticados nesse espaço, não se pode descartar essa informação que o próprio personagem deixa escapar. Quais motivos (além de ser absorvido nessas duas confusões) os demais internos tinham para suspeitar que Mariano recebia cobertura do prefeito e do delegado? Talvez o fato dele ter trabalhado como ajudante do auxiliar do prefeito corroborasse com esse tipo de pensamento, muito embora, posteriormente, entrasse em novo conflito no emprego, dessa vez com o secretário da prefeitura, pois estava distribuindo alimentos que sobravam das festas e produtos da limpeza sem autorização para as pessoas. Apesar disso, certa vez ele

foi preso, quando ajudou chupar umas três mangas que um colega tirou; é porque existia uma regra interna prevendo que as mangas deveriam ser recolhidas e levadas para a prefeitura e só depois que tivessem todas lá é que o prefeito as distribuiria entre os pacientes, inclusive, os que moravam nas casas nos arredores da colônia.

As situações apresentadas são imbuídas de movimentação de ideais, do fluxo contínuo de interações sociais estabelecidas (amistosas ou não) e da diversificação das experiências vivenciadas; essa dinâmica demonstra a existência de espaços, mas para Mariano e os recém-chegados esses só seriam assim identificados conforme se tornaram lugares praticados a partir de suas atuações. O espaço, de acordo com Certeau (1998, p.201), é “(...) animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram; nele encontramos as relações sociais, vivências cotidianas e histórias de vida sendo elaboradas”. Nesse sentido, Mariano era um dos sujeitos responsáveis por fazer da colônia um conjunto de espaços em vez de lugares (CERTEAU, 1998). Assim como muitas outras pessoas teve seu comportamento moldado pela disciplina da instituição: se acostumou e se adaptou às regras. No entanto, certo dia após se submeter a alguns exames, foi surpreendido com a notícia de que estava apto a receber alta, já poderia voltar para casa.

Com isso, agora ele precisaria se despedir o mais rápido possível de uma quantidade de amigos e amigas que tinha construído nesses anos, incluindo a própria namorada que havia encontrado nos primeiros meses da internação; Mariano não queria ficar mais nenhum só instante longe de casa, por isso, assim que recebeu a carta do Dr. Mariano para dar entrada no seu benefício e continuar o tratamento fora da colônia, colocou-a numa mala e foi comunicar essa novidade aos outros internos (as). Assim, a Sra. Joaquina¹² tratou logo de lhe oferecer um conhaque de São João da Barra, que ele acabou tomando por alguma insistência; por causa dessa bebida, teve que adiar a sua viagem em mais algumas horas, porque passou mal.

Finalmente, Mariano conseguiu ir embora e só retornaria novamente à colônia muitos anos depois, pois começou a tomar bebida alcoólica e a trabalhar frequentemente em serviços braçais, fato que contribuiu para o avanço progressivo da doença. Na sua volta, a colônia já estava sob a direção do Dr. Edilson, mas esse capítulo da história de Mariano ficará para outra oportunidade.

¹² Uma das internas da colônia, provavelmente, residente no pavilhão butiá.

Considerações finais

A trajetória deste interno Mariano Mendes dos Santos Filho nos possibilitou analisar alguns aspectos fundamentais relacionados ao corpo leproso, aos espaços da colônia do carpina e a distribuição de poderes nesse meio.

A partir disso, constatamos que, de modo geral, o corpo e o espaço não são apenas matérias. As relações que os sujeitos históricos estabelecem com os espaços, consigo mesmo, com o próprio corpo e com os outros, permitem-nos perceber a existência de uma dimensão que é simbólica, cultural e social em suas constituições. Nesse plano, são os próprios indivíduos os protagonistas das construções dos sentidos e significados para tais objetos.

Assim, concluímos que o corpo leproso, para além da sua constituição física, em sua formação enquanto produto histórico, teve grande influência do campo científico e, principalmente, religioso que através de distintas maneiras foram responsáveis pelo reforço, construção e perpetuação de alguns preconceitos. Além disso, na cultura ocidental recebeu historicamente um papel de dupla subordinação; uma relacionada à mente (PORTER, 1992) e a outra à própria natureza, pois o corpo leproso assim o era por ser incapaz de superar à doença que lhe acometia. No cenário da colônia do carpina, a percepção predominante do corpo leproso estava em alguma medida atrelada aos preconceitos referidos acima.

Em relação aos espaços da colônia percebemos que eram bastante movimentados e recebiam significados atrelados às atividades que eram desenvolvidas ou ao perfil das pessoas vinculadas a eles. O pavilhão dos eventos, por exemplo, congregava o sentido de lazer, enquanto o butiá relacionava-se pejorativamente à condição moral das mulheres que habitavam lá. O próprio corpo leproso poderia ser visto/entendido como um tipo de espaço, que foi preenchido pelos indivíduos historicamente conforme seus costumes, hábitos, crenças e valores; nesse caso, inferimos que foi construído como um espaço indesejado, repugnante, feio e anormal, principalmente, por conta das influências que recebeu dos campos já mencionados.

Por fim, as relações estabelecidas nesses espaços da colônia eram pautadas numa distribuição de poderes, entre indivíduos e instituição internas, logo isso nos levou a concluir que a ideia da existência de uma autoridade concentradora de todo o

poder ali instituído não é viável, tendo em vista que diversas pessoas desempenhavam funções consideráveis na manutenção da colônia.

Referencias

PIAUI. Decreto nº 398, de 15 de julho de 1941. Dá a denominação de Colônia do Carpina ao atual leprosário São Lázaro. **Diário Oficial do Estado do Piauí**, Teresina, PI, 1941.

THIEL, Catarine. Curiosidade sobre o Butiá. **Embrapa**, Brasília, 03 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/42413422/curiosidades-sobre-o-butia>>. Acesso em dia: 10 de janeiro de 2023.

SANTOS FILHO, Mariano Mendes dos. **Mariano Mendes dos Santos Filho: depoimento** [abr.2017]. Entrevistadora: Márcia Maria da Costa Nascimento. **Hospital Colônia do Carpina sua história, sua gente**. Parnaíba, Sieart, 2018. Entrevista concedida para a construção do livro sobre a colônia.

CARVALHO, Zulmira de Oliveira. **Zulmira de Oliveira Carvalho: depoimento** [2007]. Entrevistadora: Isaura Santos Castelo Branco. **Hospital Colônia do Carpina sua história, sua gente**. Parnaíba, Sieart, 2018. Entrevista concedida para a construção do livro sobre a colônia.

Referências

ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. **Desenvolvimento e segregação: políticas de modernização e isolamento compulsório de famílias afetadas pela lepra no Piauí (1930-1960)**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ANTUNES, Isa Cristina Barbosa. **Leprosário São Francisco de Assis (1923-1941): o espaço físico e as práticas médicas**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CASTRO, Elizabeth Amori de. **O Leprosário São Roque e Modernidade: uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da relação Espaço-Tempo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, José Jhonys. **A HISTÓRIA DA LEPROA NO PIAUÍ: a fundação da Colônia do Carpina e o tratamento aos leproso em Parnaíba (1931-1939)**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. O nascimento do hospital. Rio de Janeiro, Graal 1993.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **Violência e profilaxia: os preventórios paulistas para filhos de portadores de hanseníase**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.7, n.1, p.3-26, fev.1998.

NASCIMENTO, Marcia Maria da Costa e Et al. **Hospital colônia do Carpina: sua história, sua gente**. (Org.) Marcia Maria da Costa Nascimento. Parnaíba: Siert, 2018.

OLIVEIRA, Carolina Pinheiro Mendes Cahu de. **De Lepra à Hanseníase: Mais que um nome, novos discursos sobre a doença e o doente. 1950-1970**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: editora Unesp, 1992.

SILVA, Joseli Maria, et al. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria, et al; ORNAT Márcio José; CHIMIN JR., Alides Baptista (org). **Geografia malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013.

Jose Jhonys Ferreira

Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (Picos, 2022), Especialização em História do Brasil pela FIBMG (Ipatinga, 2022) e cursa o Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, 2022-2024). Durante a graduação atuou em alguns programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão, como por exemplo, o programa de monitoria da UFPI (em duas edições), o Cursinho Popular Pré-ENEM Paulo Freire, o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), o PRP (Programa Residência Pedagógica) e o ICV (Iniciação Científica Voluntária). Pesquisa sobre a Lepra / Hanseníase no Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6539822301369988>

Artigo recebido em: 14 de agosto de 2023.

Artigo aprovado em: 17 de dezembro de 2023.